

**ESPECIARIAS AROMÁTICAS
NO SEPULTAMENTO DE JESUS
(JOÃO 19,39-40)**

**AROMATIC SPICES AT THE BURIAL OF JESUS
(John 19.39-40)**

*Francisca Antonia de Farias Grenzer**

*Matthias Grenzer***

RESUMO

Somente no Evangelho segundo João narra-se o uso de especiarias aromáticas no momento de preparar o corpo de Jesus para seu sepultamento. Na cena em questão, Nicodemos “traz uma mistura de mirra e aloés, cerca de cem libras”, para, fazendo companhia a José de Arimateia, “atar o corpo de Jesus com panos de linho, junto às especiarias aromáticas”, e assim colocá-lo em um sepulcro novo (Jo 19,39-40). Trata-se do segundo uso de substâncias aromáticas no quarto Evangelho, após Maria, irmã de Lázaro e Marta, ter “untado os pés de Jesus” com “uma libra de perfume de nardo”, visando também ao “sepultamento” dele (Jo 12,3.7). A investigação aqui apresentada procura descobrir, sobretudo, as eventuais conotações simbólico-teológicas das duas especiarias aromáticas mencionadas em Jo 19,39-40 – a mirra e o aloés –, assim como da quantia de cem libras.

Palavras-chave: Evangelho segundo João, mirra, aloés, sepultamento de Jesus.

* Mestranda no Programa de Estudos Pós-Graduados em Teologia da PUC-SP. Membro do Grupo de Pesquisa LIJO (Literatura Joanina).

** Doutor em Teologia pela Faculdade de Filosofia e Teologia Sankt Georgen em Frankfurt, Alemanha, e Mestre em História pela PUC-SP, com estágio de pós-doutorado em Teologia realizado na PUC-Rio. Professor na Faculdade de Teologia da PUC-SP. Líder do Grupo de Pesquisa TIAT (Tradução e Interpretação do Antigo Testamento) e membro do Grupo de Pesquisa LIJO.

ABSTRACT

Only in the Gospel according to John there is a notice about the use of aromatic spices at the moment of preparing Jesus' body for his burial. In the scene in question, Nicodemus, who was accompanied by Joseph of Arimathea, "brings a mixture of myrrh and aloes, about a hundred pounds" in order to "wrap Jesus' body with the scents in strips of linen" and lay him in a new tomb (John 19: 39-40). This is the second time that aromatic substances are used in the fourth Gospel, after Mary, the sister of Lazarus and Martha, had "anointed the feet of Jesus" with 'a pound of perfume of nard', foreseeing his "burial" (John 12: 3.7). The research presented here seeks to discover, especially, the possible symbolic-theological connotations of the two aromatic spices mentioned in John 19: 39-40 – myrrh and aloes –, as well as the sum of one hundred pounds.

Keywords: Gospel in accordance with John, myrrh, aloes, burial of Jesus.

INTRODUÇÃO

Os três Evangelhos sinóticos narram, de forma detalhada, o sepultamento de Jesus por José de Arimateia (Mt 27,57-60; Mc 15,42-46; Lc 23,50-54). É útil recordar, em forma de tabela, as informações oferecidas por tais narrativas, uma vez que o quarto Evangelho, ao narrar o sepultamento de Jesus (Jo 19,38-42), provavelmente as tenha à sua disposição.

Mateus	Marcos	Lucas
"com nome de José, de Arimateia" (Mt 27,57)	"José, o de Arimateia" (Mc 15,43)	"José" [...] "de Arimateia" (Lc 23,50-51)
		"uma cidade dos judeus" (Lc 23,51)
	"respeitável membro do sinédrio" (Mc 15,43)	"membro pertencente ao sinédrio" (Lc 23,50)
"um homem rico" (Mt 27,57)		
		"um homem bom e justo" (Lc 23,50)
	"que esperava pelo Reino de Deus" (Mc 15,43)	"que esperava pelo Reino de Deus" (Lc 23,51)
"que se tinha tornado discípulo com Jesus"		

(Mt 27,57)		
“veio a Pilatos” (Mt 27,58)	“ousou entrar onde estava Pilatos” (Mc 15,43)	“veio a Pilatos” (Lc 23,52)
“pediu o corpo de Jesus” (Mt 27,58)	“pediu o corpo de Jesus” (Mc 15,43)	“pediu o corpo de Jesus” (Lc 23,52)
“Pilatos ordenou que fosse entregue” o corpo de Jesus (Mt 27,58)	Pilatos “cedeu o cadáver a José” (Mc 15,45)	
José “tomou o corpo” (Mt 27,59)		
	“desceu-o” da cruz (Mc 15,46)	“desceu-o” da cruz (Lc 23,53)
	“tendo comprado um lençol de linho” (Mc 15,46)	
“enrolou-o em um lençol de linho limpo” (Mt 27,59)	“envolveu-o no lençol de linho” (Mc 15,46)	“enrolou-o num lençol de linho” (Lc 23,53)
“e o colocou em sua nova tumba, que foi cortada na pedra” (Mt 27,60)	“e o colocou numa tumba, que foi cortada na pedra” (Mc 15,46)	“e o colocou num túmulo talhado na rocha, onde ninguém ainda tinha sido posto” (Lc 23,53)
“rolou uma grande pedra na entrada da tumba” (Mt 27,60)	“rolou uma grande pedra na entrada da tumba” (Mc 15,46)	
“e foi embora” (Mt 27,60)		

Também o momento exato do sepultamento de Jesus por José de Arimateia é relatado. Tudo aconteceu “à tarde” (Mt 27,57; Mc 15,42), no “dia da preparação” (Mc 15,42), porque era “véspera do sábado” (Mc 15,42; Lc 23,54). Mais ainda, houve testemunhas do sepultamento: “mulheres, vindas da Galileia com Jesus, seguidoras insistentes dele” (Lc 23,55), “se sentaram em frente ao sepulcro” (Mt 27,61), “observaram onde Jesus foi posto” (Mc 15,47) e “como o corpo foi ali depositado” (Lc 23,55). Eram Maria Madalena e a outra Maria (Mt 27,61; Mc 15,47), ou seja, a mãe de Tiago e José (Mt 27,56) ou, para Marcos, de Joset (Mc 15,47).

Existem poucas micronarrativas nos Evangelhos que narram uma cena com tantos detalhes e em tão pouco espaço. Apesar daquilo que cada um dos três evangelistas sinóticos destaca ou deixa de destacar, existem poucas diferenças. Quer dizer, há

grande harmonia entre as narrativas sobre o sepultamento de Jesus nos primeiros três Evangelhos.

Também o Evangelho segundo João narra o sepultamento de Jesus (Jo 19,38-42), e o faz confirmando certas informações oferecidas pelos Evangelhos sinóticos. Por exemplo, também o quarto Evangelho relata que “José de Arimateia” é “discípulo de Jesus”, porém, por causa de seu “medo dos judeus”, o é “às escondidas” (Jo 19,38). Ele “pede a Pilatos” que “possa retirar o corpo de Jesus”, e “Pilatos o permite”. Assim sendo, “vai e retira o corpo” (Jo 19,38).

O que se segue a essas primeiras informações sobre o sepultamento de Jesus no quarto Evangelho (Jo 19,38) será objeto da pesquisa aqui apresentada. Dar-se-á destaque sobretudo a um detalhe narrado somente no Evangelho segundo João: o uso de essências aromáticas no momento em que José de Arimateia e Nicodemos, “segundo os costumes dos judeus, preparam” o corpo de Jesus “para o sepultamento” (Jo 19,40). Como se deu tal procedimento? Quais são as eventuais conotações simbólico-teológicas da “mistura de mirra e aloés” e da grande “quantidade de cem libras” (Jo 19,39)?

A presença de “mirra” e “aloés” em Jo 19,39 constitui a segunda ocorrência de substâncias aromáticas no Evangelho segundo João. Antes disso, em “Betânia”, “Maria”, irmã de Lázaro e Marta, já “untara os pés de Jesus” com “uma libra de perfume de nardo puro e muito caro”, para depois “enxugar os pés dele com seus cabelos” (Jo 12,3) (GRENZER; GRENZER, 2016, p. 357-369). Percebe-se, com isso, que a história sobre os últimos dias da vida de Jesus no Evangelho segundo João, de certa forma, se encontra emoldurada pela presença de essências aromáticas (Jo 12,1-3; 19,38-42).

Seja realizado, portanto, com as questões aqui apresentadas, um estudo exegético de Jo 19,39-40, insistindo na análise da configuração linguístico-literária do texto grego e nas dimensões histórico-teológicas veiculadas pela narrativa.

TEXTO E ESTUDO LINGUÍSTICO-LITERÁRIO

A fim de favorecer a compreensão de Jo 19,39-40, o texto grego e sua tradução para o português são inicialmente reescritos de forma sequenciada:¹

ἦλθεν δὲ καὶ Νικόδημος,	39a	Veio, pois, também Nicodemos,
ὁ ἐλθὼν πρὸς αὐτὸν νυκτὸς τὸ πρῶτον,	39b	aquele que anteriormente foi até ele à noite,
φέρων μίγμα σμύρνης καὶ ἀλόης	39c	trazendo uma mistura de mirra e aloés,
ὡς λίτρας ἑκατόν.	39d	cerca de cem libras.
ἔλαβον οὖν τὸ σῶμα τοῦ Ἰησοῦ	40a	Tomaram, então, o corpo de Jesus
καὶ ἔδησαν αὐτὸ ὀθονίοις	40b	e o ataram com panos de linho,
μετὰ τῶν ἀρωμάτων,	40c	junto às especiarias aromáticas,
καθὼς ἔθος ἐστὶν τοῖς Ἰουδαίοις	40d	como é costume dos judeus
ἐνταφιάζειν	40e	de fazer as preparações para o sepultamento.

Em relação ao texto grego de Jo 19,39-40, a edição crítica do Novo Testamento apresenta apenas uma variante existente nos antigos manuscritos. No caso, a palavra μίγμα, traduzida aqui como “mistura” (v. 39c), é atestada pelo papiro P⁶⁶, datado de em torno de 200 d.C. Entretanto, trata-se apenas da leitura mais provável, pois o estado de preservação do manuscrito torna impossível uma verificação completa. Além disso, o termo é confirmado pelos códices Sinaítico corrigido (séc. IV), Alexandrino (séc. V), Bezae Catabrigiensis (séc. V) etc. Os códices Vaticano (séc. IV), Sinaítico – leitura original (séc. IV) e Washington (séc. IV/V), por sua vez, leem ἔλιγμα em vez de μίγμα.² O código de Athos (séc. IX/X), no entanto, apresenta a variante

¹ O texto grego corresponde à versão considerada a mais original, na edição crítica *The Greek New Testament* (INSTITUTE FOR NEW TESTAMENT TEXTUAL RESEARCH, 2014).

² Em vista dos códices imagina-se que as cópias logo recebiam correções. As primeiras delas já podiam ser introduzidas pelo copista original. Em seguida, outros controlavam a

σμίγμα. Todavia, percebe-se que, em todos os casos, se fala de “mistura”, sendo que ou o mesmo termo grego sofreu pequenas transformações, ou existiam formas diferentes do termo.

Quanto às formas e aos números dos verbos, Nicodemos (v. 39a) é apresentado, inicialmente, como “quem veio” (v. 39a), “trazendo uma mistura de mirra e aloés” (v. 39c), “cerca de cem libras” (v. 39d). O verbo “veio” apresenta-se na forma do aoristo indicativo ativo, na terceira pessoa do singular (v. 39a: ἦλθεν). Também o particípio ativo do tempo presente, traduzido aqui como “trazendo”, apresenta o número no singular, sendo que o particípio, na forma do nominativo, se refere a Nicodemos, o sujeito da frase (v. 39c: φέρων).

Ao continuar, por sua vez, a narração, ocorre uma mudança do singular para o plural. Relata-se, pois, que eles “tomaram (ἔλαβον) o corpo de Jesus” (v. 40a) “e o ataram (ἔδησαν) com panos de linho” (v. 40b), “junto às especiarias aromáticas” (v. 40c). Para identificar o sujeito oculto nos dois verbos, o ouvinte-leitor, necessariamente, há que se lembrar do que foi contado no v. 38: “Após ter pedido a Pilatos para retirar o corpo de Jesus, e Pilatos ter dado a permissão”, “José de Arimateia veio e retirou o corpo dele”. Quer dizer, a pequena narrativa apresenta, primeiramente, no singular uma ação de José de Arimateia (v. 38) e, em seguida, também no singular, uma ação de Nicodemos (v. 39). Cada um dos dois “veio” (v. 38f.39a: ἦλθεν). Um traz o “corpo de Jesus” (v. 38e), o outro, a “mistura de mirra e aloés” (v. 39c), “cerca de cem libras” (v. 39d). Ou seja, ambos carregam pesos consideráveis. Apenas depois, a partir do versículo 40, José de Arimateia e Nicodemos agem conjuntamente, ocorrendo, no que se refere ao número dos verbos, a mudança do singular para o plural.

MISTURA DE MIRRA E ALOÉS

No Novo Testamento, o substantivo “mistura” (μίγμα) somente é usado em Jo 19,39c. No entanto, há a presença do verbo “misturar” (μιγνύναι). O Evangelho segundo Mateus menciona o “vinho misturado com fel” (Mt 27,34), oferecido a Jesus antes da crucificação. Por meio do paralelismo com Sl 69,22, a bebida amarga destaca o

exatidão da cópia, introduzindo, eventualmente, outras correções. Nesse sentido, se fala do códice Sinaítico leitura original e corrigido (ALAND; ALAND, 1989, p. 245).

escárnio que atinge o injustiçado.³ No Evangelho segundo Lucas, o verbo em questão descreve como “Pilatos misturou o sangue dos galileus com o sangue de seus sacrifícios” (Lc 13,1). Outras duas presenças do termo encontram-se no livro do Apocalipse, com as imagens de “granizo e fogo misturados em sangue” (Ap 8,7) e de “um mar de vidro misturado com fogo” (Ap 15,2). Enfim, com o termo “mistura”, os autores neotestamentários sempre se referem à junção de duas ou mais substâncias diferentes.

No texto aqui estudado, visa-se ao conjunto de duas essências odoríferas ou “especiarias aromáticas” (v. 40b), no sentido de haver uma “mistura de mirra e aloés” (v. 39c). A “mirra” (ἡ σμύρνα) é mencionada, como substantivo, duas vezes no Novo Testamento (Mt 2,11; Jo 19,39). Outra vez, a substância aparece por meio do verbo “temperar com mirra” (σμυρνίζω), na forma de um particípio perfeito passivo, quando é apresentado o “vinho temperado com mirra” em Mc 15,23, oferecido a Jesus antes de sua crucificação (MOUNCE, 2013, p. 551).

A Bíblia descreve a mirra (em hebraico: מִרְרָה) como resina preciosa. No que se refere a Israel, trata-se de um produto importado (Ap 18,13). A resina da mirra é produzida pela *commiphora abyssinica* ou outras “espécies da *commiphora*”, sendo elas “arbustos ou pequenas árvores espinhosas” que, em “solo pedregoso”, crescem na “Arábia, Etiópia e Somália” (ZOHARY, 1986, p. 200).

No Antigo Testamento, a mirra aparece doze vezes. Ora ela faz parte do unguento para unções sagradas (Ex 30,23), ora serve às mulheres como perfume (Est 2,12; Ct 3,6; 4,6.14; 5,1.15^{2x}). Contudo, a mirra também é apresentada como perfume impregnado nas “roupas” do homem-rei (Sl 45,9). Além disso, o homem é comparado a “uma bolsinha de mirra” que se encontra pendurada “entre os seios” da amada (Ct 1,13), ou os “lábios” dele são vistos como “gotejando mirra que desliza” (Ct 5,13). No mais, a “mirra” é usada para perfumar “colchas de panos multicolores e tecidos de linho do Egito”, os quais são estendidos sobre a “cama” para um encontro amoroso

³ Em relação ao “fel” ou à “bílis” como símbolo da “amargura”, confira também At 8,23. No Evangelho segundo Marcos, antes da crucificação, oferece-se a Jesus, talvez como entorpecente, “vinho temperado com mirra” (Mc 15,23), sendo que ele rejeita tal bebida. Diferentemente do “vinho misturado com fel” (Mt 27,34) ou do “vinagre” azedo (Mt 27,48; Mc 15,36; Lc 23,36; Jo 19,29-30), o vinho doce, perfumado com mirra, “era apreciado na Antiguidade” (BROWN, 2011, p. 94).

(Pr 7,16-17). Aliás, em três dessas doze presenças da “mirra” no Antigo Testamento ela aparece junto com o “aloés” (Ct 4,14; Sl 45,9; Pr 7,17).

Lendo a cena aqui estudada diante desses paralelismos veterotestamentários, a presença da “mirra” no sepultamento de Jesus (v. 39c), aparentemente, atribui a este último as conotações de “rei” (Sl 45,9), “amado” (Ct 1,13; 5,13) e/ou “sacerdote” (Ex 30,23.30), sendo que todos eles são perfumados com “mirra”.

Embora haja apenas três presenças da mirra no Novo Testamento, percebe-se também nessas tradições a preciosidade dela. Em Mt 2,11, “magos do oriente” (Mt 2,1) “se prostram e reverenciam a criança” Jesus e, “após terem aberto seus tesouros, oferecem-lhe presentes: ouro, incenso e mirra”. No caso, a mirra acompanha, além do ouro, outra resina aromática a ser importada no antigo Israel, que é o “olíbano” (Mt 2,11; Ap 18,13), um “incenso cheiroso de grande valor” (LOUW; NIDA, 2013, p. 72). Semelhantemente, o “vinho temperado com mirra” (Mc 15,23) é visto como o mais precioso. Plínio, o Velho (23-79 d.C.), em sua *História Natural*, publicada no ano 77 d.C., destaca o apreço por essa bebida: “O vinho mais fino nos tempos primitivos era o temperado com o perfume da mirra” (Plínio, *História Natural*, XIV,15, apud BROWN, 2011, p. 94).

A substância aromática ou resina do *aloés* (ἡ ἄλoη), em todo o Novo Testamento, somente é mencionada em Jo 19,39. O óleo, provavelmente, é retirado “das folhas suculentas da *aloe vera*, da *aloe succotrina* e da *aloe barbadensis*”, sendo que “seu uso como remédio e também como substância para embalsamentos no antigo Egito era bastante difundido” (ZOHARY, 1986, p. 204). No Brasil, a planta é popularmente conhecida como *babosa*. Na Bíblia Hebraica, o *aloés* está presente em Sl 45,9; Ct 4,14 (אַהֲלוֹת) e Nm 24,6; Pr 7,17 (אַהֲלִים). De diversas formas, aparece a preciosidade da substância. Conforme o poema de Balaão, é “o SENHOR quem planta o aloés” (Nm 24,6). Ele faz parte do que há de mais exótico no jardim (Ct 4,14). E a figura do “rei” (Sl 45,2) ganha destaque por suas “roupas exalarem mirra, aloés e acácia” (Sl 45,9). Além disso, o “aloés”, junto à “mirra” e ao “cinamomo”, é usado para perfumar o quarto, a fim de estimular o encontro amoroso (Pr 7,17).

Enfim, percebe-se que também o “aloés” (v. 39c) destaca a preciosidade das duas substâncias aromáticas mencionadas em Jo 19,39. Além disso, junto à “mirra” (v. 39c),

o “aloés” é igualmente ligado às personagens do amado e do rei, mas não à figura do sacerdote.

O fato de Nicodemos trazer a enorme quantidade de “cerca de cem libras” (v. 39d) de uma “mistura de mirra e aloés” (v. 39c) destaca ainda mais o gesto celebrado. Aliás, a medida da “libra” (ἡ λίτρα) é mencionada apenas duas vezes no Novo Testamento, justamente em Jo 12,3 e Jo 19,39. Enquanto Maria unta os pés de Jesus com “uma libra de perfume de nardo” (Jo 12,3), Nicodemos traz “cerca de cem libras da mistura de mirra e aloés” (v. 39c-d), o que corresponde aproximadamente a trinta e dois quilos e seiscentos gramas. Assim sendo, o uso das duas quantias grandes de especiarias aromáticas para untar e/ou perfumar o corpo de Jesus dentro de cinco dias – ver a untura em Betânia “seis dias antes da Páscoa” (Jo 12,1) e o sepultamento de Jesus no “dia da preparação da Páscoa” (Jo 19,31) – emoldura, no Evangelho segundo João, a história da paixão de Jesus.

ATADO EM PANOS DE LINHO COM ESPECIARIAS AROMÁTICAS

Após ter narrado como Nicodemos “trouxe cerca de cem libras de uma mistura de mirra e aloés” (v. 39c-d), a cena aqui estudada apresenta o uso de tais substâncias. Conta-se que José de Arimateia e Nicodemos “tomaram o corpo de Jesus” (v. 40a) “e o ataram com panos de linho” (v. 40b), “junto às especiarias aromáticas” (v. 40c). Como, no entanto, compreender mais exatamente essas informações?

“Quanto às mortalhas, não é claro se há grande diferença entre o que os sinóticos chamam de [...] lençol” – ver o termo σινδών em Mt 27,59; Mc 14,51.52; 15,46^{2x}; Lc 23,53 – “e João de [...] panos” – confira a expressão ὀθονίον em Jo 19,40; 20,5.6.7; Lc 24,12 – “ou de [...] faixas” – ver a palavra κειρία em Jo 11,44 –, sendo que “a cabeça era coberta por um [...] lenço” ou sudário – ver o vocábulo σουδάριον em Jo 11,44; 20,7; Lc 19,20; At 19,12 (KONINGS, 2000, p. 393). Todavia, o Evangelho segundo João apresenta diversos “panos” – o substantivo é apresentado no plural (v. 40b: ὀθονίους; ver também Lc 24,12) –, e não somente um “lençol” como os Evangelhos sinóticos (Mt 27,59; Mc 14,51.52; 15,46^{2x}; Lc 23,53).

Além disso, somente o Evangelho segundo João fala de uma “amarração” do corpo de Jesus no momento do sepultamento, no sentido de José de Arimateia e Nicodemos “o atarem” ou “amarrarem com panos de linho”, semelhantemente a Lázaro que, depois de morto, teve “pés e mãos atados com faixas” (Jo 11,44). Aliás, a cena da “preparação para o sepultamento” (v. 40e) apresenta Jesus, pela terceira vez, sendo “atado” ou “amarrado” (ver a presença do verbo δέω). Ao “prendê-lo”, pois, “o destacamento, o tribuno e os guardas dos judeus o amarraram” (Jo 18,12). Depois, “Anás o enviou amarrado ao sumo sacerdote Caifás” (Jo 18,24). Talvez nem tenha sido desamarrado nesse ínterim.

Todavia, ao imaginar o uso de diversos “panos de linho” (v. 40b), sendo que o “corpo” (v. 40a) de Jesus é “atado” ou “amarrado” (v. 40b) com tais envoltórios, pode-se ter uma ideia sobre como as “especiarias aromáticas” (v. 40c: ἀρωμάτων) são juntados. No caso, o corpo de Jesus não é “untado” com um óleo, como “Maria” o fez com os “pés de Jesus”, usando “uma libra de nardo” (ver o verbo ἀλείφω em Jo 12,3). Também não há a presença de um “frasco” (Mc 14,3) que poderia indicar a presença de um líquido (GRENZER; GRENZER, 2015, p. 279-290). Além do mais, a quantia de “cem libras” (v. 39d) de um unguento deixaria “o corpo” de Jesus “mergulhado em líquidos perfumados” (CROSSAN; REED, 2007, p. 270). Pelo contrário, “mirra e aloés” (v. 39c) devem ser compreendidos como especiarias, isto é, pós. Ou seja, uma grande quantidade de granulados fragrantes ou “substâncias aromáticas” (v. 40c) fica entre os “panos de linho” (v. 40b) e, portanto, junto ao “corpo de Jesus” (v. 40a), sem haver, portanto, “um líquido despejado sobre os panos” (BROWN, 2011, p. 463).

Com a perfumadura do corpo e a atadura das mortalhas, o Evangelho segundo João transmite a ideia de que “Jesus realmente está morto e, conforme a expectativa humana, ele não voltará aos vivos” (BEUTLER, 2013, p. 511).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme a narrativa do Evangelho segundo João, José de Arimateia e Nicodemos oferecem um sepultamento honroso a Jesus. Embora não houvesse “um pecado merecedor da pena de morte” em Jesus, ele “foi pendurado num madeiro” (Dt 21,22). No entanto, José de Arimateia e Nicodemos não permitem que “o cadáver pernoite

sobre o madeiro”, mas “o sepultam no mesmo dia” (Dt 21,23), justamente como a lei da Torá o prescreve.

Com isso, de acordo com o quarto Evangelho, ocorre a perfumadura do corpo de Jesus morto com “especiarias aromáticas” (v. 40c), a qual não é narrada nos Evangelhos sinóticos. Nestes últimos, pois, as mulheres que no terceiro dia foram com suas “essências aromáticas” (Mc 16,1; Lc 23,56; 24,1) ao sepulcro são surpreendidas pela notícia da ressurreição. Por isso, não chegam a usar as especiarias que tinham comprado, a fim de perfumarem o corpo de Jesus.

Acolhendo, por sua vez, o significado, ou seja, as conotações simbólico-teológicas que “mirra e aloés” (v. 39c) adquirem nas tradições da Bíblia Hebraica, o Evangelho segundo João aproveita a cena do “preparo” do corpo de Jesus “para o sepultamento” (v. 40e), a fim de descrever este último novamente como amado e, por excelência, rei. Por destacar o detalhe de que se tratava de uma “mistura de mirra e aloés” (v. 39c), dificilmente a conotação simbólica do sacerdócio esteja sendo visada. Nesse caso, pois, apenas a mirra seria relevante, mas não o aloés.

REFERÊNCIAS

ALAND, Kurt; ALAND, Barbara. **Der Texto des Neuen Testaments**: Einführung in die wissenschaftlichen Ausgaben und in Theorie wie Praxis der modernen Textkritik. 2. ed. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1989.

BEUTLER, Johannes. **Das Johannesevangelium**: Kommentar. Freiburg: Herder, 2013.

BROWN, Raymond E. **A morte do Messias**: comentário das narrativas da Paixão nos quatro Evangelhos. Vol. II. São Paulo: Paulinas, 2011.

CROSSAN, John Dominic; REED, Jonathan L. **Em busca de Jesus**: debaixo das pedras, atrás dos textos. São Paulo: Paulinas, 2007.

GRENZER, Francisca Antonia de Farias; GRENZER, Matthias. A untura de Jesus por Maria (Jo 12,3). **Revista de Cultura Teológica**, São Paulo, vol. XXIV, n. 88, p. 357-369, 2016.

GRENZER, Francisca Antonia de Farias; GRENZER, Matthias. O rompimento do frasco (Mc 14,3). **Revista de Cultura Teológica**, São Paulo, vol. XXIII, n. 86, p. 279-290, 2015.

INSTITUTE FOR NEW TESTAMENT TEXTUAL RESEARCH. **The Greek New Testament**. 5. ed. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2014.

KONINGS, Johan. **Evangelho segundo João**: amor e fidelidade. Petrópolis: Vozes; São Leopoldo: Sinodal, 2000.

LOUW, Johannes; NIDA, Eugene (Ed.). **Léxico grego-português do Novo Testamento baseado em domínios semânticos**. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013.

MOUNCE, William D. **Léxico analítico do Novo Testamento grego**. São Paulo: Vida Nova, 2013.

RACKHAM, Harris. **Pliny. Natural History**: with an English Translation in Ten Volumes. Volume IV. Libri XII-XVI. London; Cambridge, Massachusetts: William Heinemann; Harvard University Press, 1960.

ZOHARY, Michael. **Pflanzen der Bibel**. 2. ed. Stuttgart: Calwer, 1986.